



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VERÔNICA BARDINI II

(depoimento)

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-263

Entrevistado: Verônica Bardini

Nascimento: 04/10/1974

Local da entrevista: Maison Vanité, espaço de beleza e saúde (Porto Alegre, RS)

Entrevistador/a: José Patrício Cunha Pinheiro

Data da entrevista: 04/06/2012

Transcrição: Carina Kaiser da Silva

Copidesque e Pesquisa: José Patrício Cunha Pinheiro

Total de gravação: 22 minutos e 37 segundos

Páginas Digitadas: 7

Observações:

Entrevista foi realizada para a produção da pesquisa de José Patrício Cunha Pinheiro, intitulada *Atletismo Feminino no Rio Grande do Sul: A trajetória de cinco mulheres* realizada junto ao Curso de Graduação em educação Física, na Escola de educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início da carreira esportiva da entrevistada; iniciação na natação; campeonatos de natação dos quais participou; sua carreira de triatleta; dificuldades para aprender a correr; participação das mulheres no triatlo; apoio dos familiares durante sua carreira esportiva; a falta de patrocínio; o esporte como suporte para a carreira profissional; mensagem para as mulheres iniciantes no triatlo; esporte elitizado.

Porto Alegre, 04 de junho de 2012. Entrevista com Verônica Bardini a cargo do pesquisador José Patrício Cunha Pinheiro, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P. – Boa tarde Verônica, por gentileza diga seu nome completo, data de nascimento e profissão.

V.B. – Verônica Bardini, data de nascimento, 4 de outubro de 1974, e eu sou professora de Educação Física.

J. P. - Verônica quando começaste a praticar esporte, o teu primeiro esporte?

V.B. – Meu primeiro esporte foi natação. Eu comecei com 9 anos de idade, entrei na escolinha pelo motivo de ser muito tímida, por isso que o pediatra, na época, indicou que eu fizesse uma atividade física. Eu comecei a aprender a nadar; de certa forma, comecei tarde, normalmente na natação a gente começa mais cedo. Comecei a aprender todos os estilos. A minha mãe me levou para o clube Lindóia Tênis Clube, o meu pai sempre foi sócio, a partir daí a gente começou com o treinamento e comecei a ter treinamento intenso de natação, depois nadei no Grêmio Náutico União. Competi piscina, Campeonato Brasileiro de Piscina, fiz algumas seletivas para mundiais em piscinas, comecei a nadar, treinar para água aberta e fiz quatro anos do Campeonato de Água Aberta, também Campeonato Brasileiro de Água Aberta. Em 1998, consegui a vaga, fui para um campeonato no Hawaii (EUA) e chegou um momento da vida que a natação, por ser muito solitária, eu meio que cansei um pouco e queria fazer um esporte divertido e fui fazer o triatlo.

J.P. – Da iniciação até a competição foi rápido ou teve um tempo para maturar tudo isso?

V.B. – Da natação teve uns três anos, mais ou menos. Até foi rápido, porque a natação não é uma modalidade muito fácil de aprender, mas a partir dos 12, 13 anos de idade eu já comecei a competir.

J.P. – E o triatlo, quando começou a praticar?

V.B. – O triatlo eu comecei... Eu não sei dizer ao certo o ano que foi, eu estava já com 21 anos eu acho na época, não sei dizer ao certo que ano foi que eu comecei. Mas eu queria buscar um esporte para eu me divertir mais, que eu achasse legal, diferente. Três modalidades... Facilitou muito a questão de eu nadar, já tinha uma facilidade. Tive muita dificuldade com a corrida. A corrida foi muito sofrida para mim, normalmente o nadador não sabe correr, tive que aprender tudo. Mas eu não sei dizer assim o ano, eu tinha uns 21 anos eu acho quando eu comecei.

J.P. – Mas além da corrida, de aprender a correr, quais são as maiores dificuldades e como se dá a preparação do triatlo tanto física quanto psicológica, para essa prova que é bastante longa?

V.B. – A maior dificuldade que eu tive no triatlo foi aprender a correr mesmo. Hoje é um pouco mais natural, mas ainda não é, porque hoje em dia existem muitas técnicas de corrida que são excelentes, eu acho que a gente tem que aprender cada vez mais. Mas eu penei um pouco na corrida, eu tive muita lesão na corrida, muita, bastante, durante anos eu tive quatro, cinco lesões ao ano... Bastante, de ter que ficar de quinze a vinte dias parada. Então no triatlo realmente foi a questão de aprender a correr, de superar a lesão, de superar limites, de superar alguns tipos de dor. Na natação eu tive lesão de ombro, de cotovelo, mas não foi uma coisa muito intensa, mas nos três assim a modalidade mais difícil foi à corrida. A preparação do triatlo é maravilhosa, tudo é maravilhoso, eu sou suspeita de falar isso, porque no triatlo tu tens que ter tempo, porque várias vezes durante o dia, e tem duas modalidades para treinar, tem que ter disponibilidade, tranquilidade em fazer. Demanda mais a questão psicológica quando visa competição, que é um momento que tu tens estar mais centrada, mais concentrada na atividade daquele momento de todo o treinamento, é como qualquer outro esporte. Mas é muito bom, é maravilhoso!

J.P. – Quais as provas que foram mais difíceis de vencer na sua carreira e quais as mais emocionantes?

V.B. – A mais difícil no triatlo, eu acho que é quando eu fiz... Eu fiz várias vezes, mas eu fiz o Campeonato Brasileiro de Duathlon Terrestre, essa é uma prova difícil do triatlo. Tu

corres dez quilômetros, pedala quarenta e corre mais cinco no final, essa é uma prova difícil, ela é bem difícil. Para mim que ela começa e termina com a corrida e ela se tona um pouquinho mais difícil, mas essa prova é bem difícil, essa prova ela não é uma prova muito fácil, é um desgaste de duas horas e pouco que tu ficas na exaustão, no anaeróbico puro, essa é uma prova difícil. A mais emocionante para mim foi o [PALAVRA INAUDÍVEL] não tem explicação.

J.P. – Tu lembra o ano que foi feita esta prova?

V.B. – Eu fiz em 2009 em Floripa¹.

J.P. – Você falou em duathlon, explica para mim o que é o duathlon e o aquathlon?

V.B. – Duathlon é corrida e ciclismo e o aquathlon é natação e corrida. Antes eles falavam duathlon terrestre e duathlon aquático. Hoje são duathlon e aquathlon que já especifica.

J.P. – Tu conheces outras corredoras de triatlo, lembra-se de alguma mulher que tenha começado antes de ti no triatlo?

V. B. – Ah sim, nossa tem atletas maravilhosas, Carla Moreno², aqui em Porto Alegre?

J.P. – Sim, e no Rio Grande do Sul.

V.B. – Agora, de cabeça, eu não sei. Triatleta aqui... Tem a Raquel³, o sobrenome dela eu não lembro. Mulher no triatlo é difícil né, mulher no triatlo... É um esporte meio complicado...

J.P. – Qual a importância da família na tua carreira, tu já me dissestes lá no o início que a tua mãe incentivou na natação, e depois quando entrou no triatlo como é que foi?

¹ Florianópolis, SC.

² Triatleta profissional brasileira.

V.B. – Foi legal, a questão de entendimento para eles, a questão do esporte é muito importante, é tranquila, até porque eles me incentivaram muito quando eu comecei na natação. Mas quando eu comecei a fazer triatlo, eu já estava casada, então as coisas...Ah, eu vou treinar... Eles não sabem muito como são os meus treinos, então, não tinha que dar muita satisfação. Mas em todas as provas, todas as competições meu pai ia com seu banquinho com o cronômetro e ficava acompanhando. A minha mãe, também, sempre me incentivou bastante. Então com relação ao treinamento eles me incentivaram sempre, mas por eu ser casada e ter certa liberdade de sair para treinar, então eles não tem muita noção do que a gente faz.

J.P. – Como tu vê a participação das mulheres no triatlo?

V.B. – A nível mundial?

J.P. – Mais local, brasileiro?

V.B. – Em nível brasileiro eu estou achando meio pobre, em nível brasileiro. Assim, a gente tem atletas maravilhosas de excelentes níveis, como eu citei a Carla Moreno, que a única que está participando ainda a [TRECHO INAUDÍVEL] agora ela parou, por questão do doping, da fiscalização da Confederação, porque ela é médica. A outra era a Mariana Ohata⁴, ela teve nenê, aí tem a questão da lei que pegaram, tem alguma relação de coisas que ela usou. Mas eu acho que falta alguma coisa, falta algum tipo de treinamento, acho que as mulheres não estão em um bom nível para elas competirem fora, a nível mundial não sei, fico na dúvida.

J.P. – E em nível de incentivo, como patrocínios, como isso ocorre no triatlo?

V.B. – É bem complicado. Porto Alegre é um caos, a gente está aqui no Sul, e aí as coisas ficam mais difíceis. A questão de patrocínio, a gente não pode dizer assim patrocínio. Patrocínio é aquele que te dá um salário por mês, agora apoio tu tens um que outro, mas patrocínio é complicado assim como qualquer outro esporte, viver do esporte. Eu nunca

³ Nome sujeito à confirmação.

⁴ Triatleta profissional brasileira, nascida em Brasília, DF.

consegui viver do esporte, nunca, mas eu sempre tentei muito, a questão de arrumar currículo, mas é complicado, eu sempre tive muita dificuldade com isso.

J.P. – O esporte te deu suporte para tua carreira profissional?

V.B. – Me deu, profissional me deu. Porque quando eu fiz Fonoaudiologia, foram quatro anos e meio de curso, na época eu nadava, e eu nadava no União, e um técnico do União me dizia assim: “Vai fazer Educação Física”. E eu: “Não, Fonoaudiologia é melhor”. Eu gosto de Fonoaudiologia, me formei, nunca trabalhei com “fono”, fiquei um semestre parada, só treinando e eu e eu comecei a estudar a Educação Física. Fui fazer o curso de Educação Física, e no primeiro semestre eu já comecei a trabalhar como estagiária.

J.P. – Qual a universidade que fizestes?

V.B. – Eu fiz na Ulbra⁵. Eu entrei como reingresso de diplomado, que todas as faculdades particulares têm, e a partir dali eu comecei a trabalhar. Eu conheço muita gente no meio do esporte e isso facilitou muito, me ajudou bastante e até hoje me ajuda.

J.M. – Tu tens alguma atleta que te serviu de exemplo, que foi tua fonte de inspiração para iniciar?

V.B. – No triatlo? Não, não tive. Foi mais uma questão de eu querer mesmo, fazer um esporte diferente, não tinha alguém assim que brilhasse... Ah, eu quero ser aquela atleta! Sempre quis ser eu mesma, fazer o que eu treinava, era o que eu queria experimentar.

J.P. – Para quem está iniciando no esporte, principalmente para as mulheres que querem ser triatletas, qual a mensagem que você deixaria para essas pessoas que estão iniciando?

V.B. – Nossa, é eu acho que é ter força de vontade, a gente não pode especificar só o triatlo porque qualquer esporte de alto rendimento é difícil, a gente sabe que sim. A questão de treinamento, o nível de treinamento está cada vez mais avançado e as coisas estão cada vez mais evoluídas também, acho que a mensagem que eu deixo é ter persistência, superação

que isso a gente leva para sempre, o esporte não te tira nada, a gente ganha muita coisa com ele. Tu ganhas, principalmente, amigos, saúde, por que por mais que diga que esporte de alto rendimento não é saúde, eu acho que sim, eu acho que mesmo que está sempre na exaustão. Mas eu acho que a mensagem é superação, supera porque sempre tu vais conseguir o que queres se treinou vai conseguir atingir o que tu queres.

J.P. – Como que é a relação no meio entre homem mulher no esporte, principalmente do triatlo e com o resto do público? Existe algum tipo de preconceito?

V.B. – Não, eu acho que o triatlo é um esporte perigoso, o ciclismo é perigoso. Hoje em dia para pedalar em Porto Alegre é perigoso, tem que te cuidar, cuidar os carros. As mulheres tem um perfil de não correrem riscos, não sei, eu acho que é perfil, cada mulher tem seu perfil de querer fazer. Tem meninas novinhas que estão fazendo, mas eu não sei, eu vi muito isso na nataçãõ, as meninas que chegavam à nataçãõ com 15, 16 anos elas paravam de nadar porque não queriam ficar fortes, porque não queriam fazer musculaçãõ, porque iriam ficar com os ombros muito largos. As mães tiravam porque diziam que iam ficar com o corpo feio, não é legal fazer, e isso acontece bastante, eu vi bastante isso na nataçãõ, bastante. E a nataçãõ é um esporte mais seguro, se for comparar a nataçãõ e o ciclismo; a nataçãõ é muito mais segura, como o ciclismo não é muito, a gente tem que ter certo cuidado eu acho que isso não propicia muito a mulher a fazer. Posso estar errada, mas eu também acho que é isso e também a questão de perfil das mulheres, tem mulheres que fazem, mas a quantidade de homens fazendo é muito maior, muito, tu vai no [PALAVRA INAUDÍVEL] tem muito mais homem fazendo, tu vais à nataçãõ, tem muito mais homem fazendo do que mulher é característico. Diferentemente da ginástica tem mais mulheres do que homem, depende da modalidade. Mas eu sempre treinei com homens e sempre foi muito tranquilo, a questão de respeito, incentivo, sempre me incentivaram muito, muitos dos meus resultados foi por eu ter treinado com homens e eles me ajudando em todo o momento, é bem tranquilo, bem tranquilo mesmo.

J.P. – Bom, Verônica, eu agradeço, muito obrigado, vamos fazer com que isso sirva de exemplo para outras gurias fazerem também o triatlo.

⁵ Universidade Luterana do Brasil

V.B. – Tomara! O triatlo é uma modalidade cara, também tem isso, ele não é barato, porque hoje cada vez mais tu tens que ter uma bicicleta boa, pega uma bicicleta, um cação, por exemplo, cada vez mais a tecnologia dos materiais melhorara muito, um par de tênis hoje em dia não é muito barato, a bicicleta em si não é muito barata, e não é só ter a bicicleta, tu tens que ter capacete, sapatilha, é uma série de utensílios que tu usas para tu fazer o teu treinamento e tu sempre quer buscar o melhor. Hoje tem bicicletas que é o preço de um carro, por exemplo, caríssimas, então isso é uma coisa que também dificulta, podem ser que sim. A corrida é fácil porque onde tu estás tu sai para correr, tu vês gente correndo de pés descalços, não sou muito a favor, mas enfim. Na natação também não é muito fácil, porque é difícil tu conseguires uma piscina, tem que ter todo suporte, isso pode ser uma coisa que também pesa, pesa bastante. A menina tem seus 15, 16... Ah mãe quero fazer triatlo, é a mãe vai pensar... Vai dar uma bicicleta para a gurria, para a gurria sair para pedalar... Não sei acho que envolve a questão da família também, mas também bastante a questão financeira envolvida nesse meio também.

J.P. – Isso talvez possa separar e dizer que é um esporte mais elitizado?

V.B. – Pode ser que sim, mas eu conheço gente que tem bicicletas bem simples e vai lá e compete. Vou te dizer que o resultado não é o mesmo, é diferente, mas pode ser que sim, não tinha pensado nisso. A corrida não é tão elitizada não sei hoje em dia, até que está um pouco mais, porque eu tenho assessoria esportiva e o pessoal cada vez mais quer relógios, com GPS e tal. Antigamente era um cronômetro tu dá um “lap”⁶ um “stop”⁷ ali tudo e tu pega o teu “pace”⁸ o teu ritmo, hoje em dia o computador dá tudo.

JM- Então tá Verônica, muito obrigado.

⁶ Volta completa em pista de atletismo ou em lugar demarcado com uma distância a ser percorrida.

⁷ Pausa no cronômetro.

⁸ Ritmo, velocidade que se está correndo uma determinada distância.